

A clínica gestáltica com adolescentes

Caminhos clínicos e institucionais

Rosana Zanella

(ORG.)



A CLÍNICA GESTÁLTICA COM ADOLESCENTES

Caminhos clínicos e institucionais

Copyright © 2013 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Saete Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem de capa: **iStockphotos**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
LILIAN MEYER FRAZÃO	
<i>Apresentação</i>	9
ROSANA ZANELLA	
1 Afetividade na adolescência.....	11
ANA MARIA MIRABELLA	
2 A consulta clínica com pais de adolescentes em Gestalt-terapia	31
MYRIAN BOVE FERNANDES	
3 Atendendo adolescentes na contemporaneidade	59
ROSANA ZANELLA MARIA ESTELA BENEDETTI ZANINI	
4 Adolescente? Dá pra atender	77
LIA PINHEIRO	
5 Elementos para a prática da orientação profissional na abordagem gestáltica	105
LUIZ LILIENTHAL	
6 O adolescente com transtorno de conduta – A carência afetiva por trás da violência.....	125
SHEILA ANTONY	
7 Cine-Fórum – O trabalho terapêutico com adolescentes em conflito com a lei	151
RAFAEL RENATO DOS SANTOS	

PREFÁCIO

LILIAN MEYER FRAZÃO

São conhecidas as dificuldades vividas por professores, familiares, educadores e profissionais da área de saúde ao lidar com a *adolescência*, essa difícil, importante e complexa fase do processo de desenvolvimento humano.

Ao organizar este livro, Rosana Zanella foi cuidadosa e criteriosa na escolha dos autores, de forma que cada um dos capítulos ampliasse os horizontes de compreensão desse processo e também trouxesse diferentes enfoques e possibilidades do trabalho com adolescentes.

São diversos autores, cada um deles com ampla e significativa vivência no trabalho com adolescentes, seja em instituições, seja na clínica, que, ao relatar suas diferentes experiências, nos trazem novas reflexões e possibilidades de intervenção.

Ana Maria Mirabella, em seu capítulo “Afetividade na adolescência”, desenvolve uma reflexão sobre a afetividade como algo que nos afeta e a maneira como isso se dá. Descreve sua experiência como terapeuta de adolescentes e supervisora no Curso de Especialização em Gestalt-terapia no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.

Myrian Bove Fernandes, no capítulo “A consulta clínica a pais de adolescentes em Gestalt-terapia”, tece importantes e elucidativas considerações sobre o estranhamento entre a família e o adolescente, o qual, nessa fase da vida, passa a ter novos comportamentos, evidenciando um processo de diferenciação dos pais.

Rosana Zanella e Maria Estela Zanini escrevem sobre a prática da psicoterapia com adolescentes, enriquecendo sua apresentação com exemplos clínicos de adolescentes de idades diversas e refletindo sobre as características do ambiente escolar e os comportamentos que nele têm lugar.

Lia Pinheiro escreve sobre uma modalidade de atendimento que vem sendo desenvolvida na Casa do Adolescente de São Paulo: o plantão psicológico, no qual são acolhidos jovens que buscam atendimento médico e psicológico naquela UBS.

Luiz Lilienthal aborda a questão da prática de orientação profissional e as dificuldades e conflitos com os quais nossos jovens deparam ao longo desse complexo processo de escolha. Aborda, também, algumas questões pertinentes ao desenvolvimento do trabalho de orientação profissional na Gestalt-terapia.

Sheila Antony, em seu capítulo “O adolescente com transtorno de conduta – A carência afetiva por trás da violência”, tece importantes considerações sobre alguns dos problemas com os quais deparamos na atualidade – *bullying*, violência social e condutas antissociais – e sua relação com a afetividade familiar.

Rafael Renato dos Santos nos introduz a um interessante e criativo trabalho desenvolvido na Fundação Casa: por meio do debate sobre filmes e seus personagens, é criado um profícuo e rico espaço de diálogo com os adolescentes em conflito com a lei.

Trata-se de leitura abrangente e enriquecedora para Gestalt-terapeutas, psicólogos clínicos, professores, educadores e todos aqueles que trabalham com adolescentes, uma vez que traz novas e importantes compreensões da adolescência na atualidade, bem como amplia os horizontes de possibilidades de intervenção.

APRESENTAÇÃO

ROSANA ZANELLA

A ideia de organizar este livro começou em Brasília, por ocasião do lançamento do livro *A clínica gestáltica com crianças – Caminhos de crescimento*, organizado por Sheila Antony. Foi uma noite de encontros e de conversas sobre atendimento de crianças, e muitos amigos nos brindaram com sua presença. Naquele clima festivo, propus um novo desafio: escrever sobre a clínica gestáltica com adolescentes. Afinal, assim como acontece com a clínica com crianças, existem poucos escritos a esse respeito na abordagem gestáltica. Sheila, com muito entusiasmo, aceitou prontamente, e comecei a convidar colegas que pudessem colaborar escrevendo sobre sua prática clínica e/ou educacional. Foram vários convites e muitas conversas durante meses. Por fim, toparam esse desafio: Ana Maria Mirabella, Lia Pinheiro, Luiz Lilienthal, Maria Estela Benedetti Zanini, Myrian Bove Fernandes e Rafael Renato dos Santos. Nosso livro começa a tomar forma.

Escrever sobre um dos períodos mais ricos do desenvolvimento nos remete a uma época na qual a vida nos apresenta um caleidoscópio de vivências. Começamos a sentir emoções antes não vividas, que podem nos amedrontar e ao mesmo tempo nos fascinar. A descoberta da sexualidade, os hormônios em plena ebulição, o amor erótico e o amor romântico são experiências maravilhosas! Por outro lado, a pressão para escolher uma profissão e o ingresso na universidade levam o jovem a entrar em contato com a maturidade

e a possibilidade da vida adulta. Os grupos de amigos, que fazem parte da vida dos adolescentes e ajudam-nos a formar sua identidade, costumam também ser alvo de preocupação dos pais, que em geral não entendem as mudanças pelas quais seus filhos estão passando.

Temas como esses estão presentes neste livro, desenvolvido com base nas experiências de cada autor, sempre tendo como pano de fundo a abordagem gestáltica.

A prática clínica da Gestalt-terapia vem crescendo, o que exige de nós novas leituras e produções que auxiliem o profissional e o estudante de psicologia a compreender melhor o público adolescente. A prática clínica com esse público é singular. Distante da caixa lúdica ou da sala de brinquedos, o adolescente necessita de recursos diferentes dos utilizados na clínica com crianças para expressar sentimentos, inquietações e tudo que possa ser compartilhado em psicoterapia. O psicoterapeuta muitas vezes carece de recursos facilitadores para compreender os jovens e realizar intervenções bem-sucedidas. Sem a pretensão de esgotar o assunto, este livro traz alguns assuntos importantes no que tange ao atendimento de adolescentes. Além disso, recursos como filmes, arte, jogos, diálogos e orientação aos pais são abordados nos capítulos.

Desejo que profissionais e estudantes de psicologia, pais, educadores e todos os profissionais que desejam ampliar seu conhecimento sobre a adolescência e sobre a Gestalt-terapia apreciem a leitura.

Aos colegas gestaltistas deixo o convite para que continuem a enriquecer nossa abordagem escrevendo sobre outros temas relacionados à adolescência.



AFETIVIDADE NA ADOLESCÊNCIA

ANA MARIA MIRABELLA

Este capítulo traz como proposta a reflexão sobre alguns aspectos importantes da afetividade na adolescência e como somos por ela afetados, utilizando como fundamento a Gestalt-terapia e a psicologia humanista existencial.

Tomando como base o que tenho observado em minha prática clínica, abordarei aqui alguns fatores responsáveis por desencadear dor e sofrimento nos clientes que se encontram nessa fase da vida, por se verem diante de valores tão relativos e pouco delineados que atravessam sua existência. Assim, por meio de alguns fragmentos de sessões psicoterápicas, ilustrarei “como” o adolescente vem se organizando e vivenciando um desencontro entre seus sentimentos e o que percebe ao seu redor.

Acredito que minha tarefa tem sido, principalmente, ajudá-los a detectar, a contatar as mensagens ambíguas, além de compreender as influências socioculturais e familiares que norteiam sua educação. O objetivo é favorecê-los na formação e apropriação de valores, tanto nos aspectos singulares como ser único quanto nos aspectos gerais relacionados ao convívio em sociedade.

ADOLESCÊNCIA E AFETIVIDADE

Uma das mudanças que tornam nítida a transformação da criança em adolescente é a corporal, que fica mais intensa nessa fase. Tal mudança, além de perturbar o adolescente

em todos os aspectos de sua vida, sinaliza aos pais que seu filho cresceu. De acordo com Romero (1998, p. 25):

A vida humana pode ser caracterizada de acordo com oito dimensões. Todas estas dimensões se entrecruzam, se influenciam entre si, de modo que nem sempre é fácil discriminar num dado momento qual delas é predominante, pois num fenômeno qualquer todas elas estão presentes, embora de modo desigual. Contudo, nós podemos destacar uma dimensão em particular com o propósito de análise ou pesquisa – ou simplesmente porque o fenômeno se destaca por si mesmo numa dimensão particular, por se apresentar nesta área, embora se irradie para todas as outras.

A cada momento, somos afetados por algum estímulo em nosso viver. Alguns estímulos são captados com maior intensidade, provocando sentimentos e emoções mais fortes; outros são mais amenos; outros, ainda, não nos afetam, não se desvelam à consciência. Estamos sempre, no entanto, em contato com algo ressoando em nós, em nosso ser.

Há fases da vida em que as oito dimensões são intensamente afetadas. Tais dimensões, de acordo com a classificação de Romero (1998, p. 25), são as seguintes: *ser-no-mundo, valorativa, corporal, práxis, social e interpessoal, espaço-temporal, motivacional e afetiva*.

Dimensão afetiva é aquela que sofre de forma mais acentuada na adolescência, em virtude do excesso de estímulos vivenciado, provocando alterações no ser como um todo. Dessa maneira, reflete-se também no ambiente, possibilitando a revisão de antigos valores e promovendo novos posicionamentos diante da vida, positiva e negativamente.

Segundo Piccino (1998, p. 9 e 11),

A afetividade deve ser pensada como a possibilidade de ser afetado por qualquer tipo de interferência vivenciada pelo homem no seu existir [...] Afeto quer dizer sofrer uma ação, ser modificado ou influenciado por essa ação. [...] A tendência ou capacidade para reagir facilmente aos sentimentos e emoções; reação de agrado ou desagrado com relação a algo ou alguém. [...] O que nos toca nos é dado vindo a nós como um acontecimento, uma situação fenomenológica. Cada experiência que a pessoa tem a afeta em sua totalidade. É uma vivência em que todas as dimensões estão ocorrendo de algum modo e em algum grau de intensidade.

Alguns adolescentes passam por essa fase de forma mais tranquila, dependendo de como têm se constituído até então e, também, do suporte que têm recebido, principalmente de seus familiares. Para Piccino (1998, p. 9),

A experiência particular de cada um reflete sempre a íntima e contínua relação que há entre tudo o que se passa com nossa afetividade [...] O que nos toca vem da experiência, e esta é a resultante da interação homem-mundo. É a relação internalizada e vivida do sujeito com os objetos e eventos do mundo.

A afetividade se mostra a estrutura fundamental do ser humano por possibilitar o encontro com os acontecimentos que são significados de alguma maneira, pois somos seres doadores de significados e a experiência se mostra a cada um singularmente.

A afetividade se baseia na coexistência, isto é, homem e mundo constituem uma unidade indissolúvel. O homem está sempre sendo tocado por alguma coisa, afetando e sendo afetado, sendo provocado por sensações, por percepções que dão asas à imaginação e provocam o sentir, o pensar e o agir; enfim, somos seres relacionais.